



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX—N.º 477—Preço 1\$00
23 DE JUNHO DE 1962

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

ÁFRICA

Todos os dias aguardamos o correio, ansiosos pela notícia da data da partida. Ontem, ao chegar de fora, encontrei junto com ele este recado: «Tem um telefonema de Luanda». Era o Amadeu Fino.

Não é sem alguma emoção que a gente pega no telefone para escutar vozes nossas a tantos milhares de quilómetros! Aquele «seja louvado N. S. Jesus Cristo», com que me saudou, soube-me como nunca me soubera! Boas novas! O Amadeu vai fazer um concurso e precisa de documentação! É transferido para Cabinda e está satisfeito. Disse-lhe da nossa próxima visita: «Venha. Olhe que isto não está tão mau, como alguns pintam!»

No Porto, sem confirmação oficial, soube das intenções de certa grande empresa em fase de total reapetrechamento, de não mudar as instalações de cá para cá, mas para o Ultramar. Fiquei muito contente! Ele é precisa lá tanta gente! E quem diz gente, diz trabalho. E quem diz gente e trabalho, diz outros trabalhos que a instalação de certa forma dele implica.

É o meio mais simples, mais espontâneo de ocupar e de civilizar. Estas empresas precisam e levarão muito pessoal europeu. Mas, uma vez lá, o desenvolvimento da empresa e o contágio com o suor da vida sustentada são o suor do rosto, há-de abrir portas a outro pessoal, de lá — e assim se irão irmanando de facto, todos, de qualquer raça ou cor, que contribuem para a produção do mesmo bem. Este processo não é novidade nenhuma; é uma experiência feita, mas precisada de ser multiplicada muitas vezes.

Em Angola, está prestes a entregar-se um manancial de energia que será difícil de esgotar, ainda por muitos anos. Em Moçambique — Vila Pery, visitámos a única grande fábrica de tecidos do Ultramar português e vimos de como foi dela que se partiu para o aproveitamento energético do Revué, o qual, além de abastecer a Beira e toda a linha entre esta cidade e a fronteira, é ainda

(suponho que caso único entre nós!) objecto de exportação.

Quem dera, pois, que muitos industriais pensassem como aqueles, de que ontem me falaram, e se dispusessem a transferir deste Minho sobrepujado, Fábricas com sua gente que as serve — e assim dessem origem a aldeias minhotas algures no Ultramar! O que será necessário — e Deus queira jamais alguém se esqueça — é

preparar aqueles que vão, para não irem com ideias erradas e preconceituosas, sempre possíveis a respeito do desconhecido. Uma informação simples e clara do meio e dos costumes; a comunicação de ideal sobre a tarefa civilizadora que cada um haveria de tomar sobre si — fariam destas transferências, um dos meios mais eficazes do enraizamento de Portugal em África.

Aqui, LISBOA

A nossa Festa decorreu em ambiente de franca amizade. Não fosse outro o motivo dela!... Por várias vezes, tivemos pena de não poder satisfazer pedidos de melhores lugares. Quem cedo apareceu, foi quem melhor se sentou. Pessoas houve que, ainda não se tendo a certeza da Festa e já encomendavam os seus bilhetes. Também houve quem os recusasse por não serem tão bons como queria. E assim aconteceu que vendemos os melhores lugares e ficaram vazios dos mais fracos, cerca de trezentos. Ora dado que o ano passado quase não houve sobras e sendo a sala equivalente, muitos amigos ficaram em casa. Já quisemos fazer a sessão à noite, para ser a hora mais cómoda. Mas em cinema nenhum pode ser.

Não vamos dizer o que foi a nossa Festa, porque tirávamos-lhe o brilho. Mas que os nossos rapazes puseram em tudo, todo o seu interesse, isso sim. Nem dissemos quem foram os melhores. Se Setúbal com o orfeão dos batatas desafinado pelo Daniel; se o à vontade dos de Paço de Sousa; ou a categoria artística dos de Miranda; se ainda os pregões tão bonitos dos de Beira. Tenho a certeza que qualquer dos grupos diz que foi o melhor. A começar pelos nossos do Tojal.

Dos bilhetes, mais das capas, apurámos cerca de vinte contos. Com ele pensamos recomen-

çar as obras da nossa Colónia de Férias, na Ericeira. Falta ainda muito. No fim do ano passado ficou levantada de tijolo e coberta com uma placa que vai ser recoberta pelo telhado. De resto as paredes ex-

Continua na segunda página



Radiantes no que é seu — a Colónia de Férias na Ericeira.



Senhor veio chamá-lo. Fôra sempre tão discreto e magnânimo! Nunca lhe vi as feições. E, em nome dos Pobres, muito lhe fico devendo. Vimos nele, bem nitidamente, o instrumento de que Deus se serviu para erguer o novo pavilhão destinado aos paráliticos.

Há dois anos pensámos nele. Começaram-se os caboucos. As paredes estavam no arranque. Disseram-nos que o Terreiro do Paço morava a boa vontade. Insistiram connosco e deslocámo-nos até lá. Aquelas pedras pombalinas, porém, estavam frias.

Ora, sem conhecimento algum prévio do que se conjecturava por aqui no Calvário, aparece aquele Senhor a desejar alegrar merecidamente a esposa. «Olhe, minha Mulher estimava imenso o avô. Faz 50 anos em Maio de 62 que ele partiu. Era minha vontade que se aprontasse, para aquela altura, um pavilhão no Calvário em memória do avô de minha esposa, para que ela sentisse com isso muita alegria». Mas a beleza do gesto não morre aqui. Há nele mais do que amor conjugal. Há renúncia, que é o verdadeiro alicerce da boa obra. «Todos os anos vamos ao estrangeiro. Este ano ficamos, propositadamente, para que aquilo que iríamos dispendir, ajude à construção».

O pavilhão aprontou-se na data pretendida, fins de Maio de 62. E o Senhor, poucos dias passados, vem chamá-lo a Si.

Os homens passam. Mas a memória do bem que praticam permanece eternamente. In memoria aeterna erit justus. Há quem dê. Muitos. Mas poucos que saibam fazê-lo. Com tal requinte de delicadeza, oh quão poucos!

O fio de água tem continuidade certo. Não temos reservatório. O que vem, vai. As despesas são muitas. Mas o que tem sido preciso confiamos no Senhor que há-de continuar a vir.

Amigo do Porto com 156\$. Viúva de Mafra com cem. Elvira do Porto com o dobro. Do Dafundo vêm roupas e cem. De Espinho um cobertor. Bolos de Coimbra. Não sei donde roupas quentinhas. Doente pede as melhores. Amigo de Lisboa aparece com 50\$. Portuense qualquer com o dobro. Estudantes de Portalegre com outro tanto rogando as orações dos doentes.

A Fábrica Carvalhinho vai aqui muito destacada com três cargas de azulejos. Que úteis que eles foram! E com que devoção não foram dados! Senhoras do Porto com 150\$.

Alípio Dias, no Porto, tem-nos dado quantas sementes lhe pedimos. É tão bom ter amigos! Luiza, de Lourenço Marques, vem aqui por ser absolvida em tribunal. Viúva de Arsénio está presente com cem. «Para os

Continua na segunda página

A G O R A CALVÁRIO

Aqui vai o resto da última saída da Procissão. Tãmanha ela dava, que tivemos de a repartir em duas. Não há outra por que eu tenha maior devoção. Na Quaresma ela é penitencial. Nas sementeadas suplica bênçãos para os campos. Nas colheitas faz acção de graças. De dia ou de noite é sempre luminosa, no cantar das «maravilhas de Deus».

Este resto — que já vai sendo crónico — não significa o menos. Pelo contrário, ele é constituído pelo maior grupo, aquele que assentou arraiais na Família dos que participam e cujo convívio deixa falta, quando, por causa razoável, e tantas vezes justificada, algum deixa de comparecer. Vamos lá então ao desfile dos das casas a prestações.

Ah!, mas escapou da notícia do número derradeiro esta casa e esta carta, de quem, com o mesmo silêncio e segredo que só Deus penetra, tantas vezes tem batido à porta do nosso Lar do Porto e deixado recados semelhantes a este:

Poder repartir com os Pobres aquilo que recebemos por vontade do SENHOR, é na verdade grande Graça de DEUS, que muito temos a agradecer!

É assim, agradecendo a DEUS mais esta Sua tão grande bondade para comigo, mísero pecador que a não mereço, que lhe envio mais essa conta para o «Rosário de Casas» que muito desejo deixar na TERRA, a bem dos n/ Irmãos menos afortunados em bens materiais, tão queridos de DEUS quando redimidos pela Dor!

E vamos lá então aos das prestações: A Casa do António e do Fernando ficou em 8 contos. A de S. Francisco em 4.800\$00 (Eu devo a Helena resposta a uma soberba carta sobre problemas de juventude, mas tenho de confessar que nem a carta posuo, que ma surripou um dos meus rapazes, a quem a mostrei!)

Diz o assinante 6790: «Creio ter atingido já 1/3 do valor global! Confio em que Deus, nosso Senhor me ajudará a chegar ao fim, em ritmo mais vivo, como seria meu desejo».

Dobra a curva «a Mãe que crê em Deus» com os seus 100 mensais para a Casa Fé em Deus, mais 50 pró vèlhinho do Barredo. Ela é uma Mulher que crê! Mas, para que se saiba que a Fé é uma conquista sempre em realização e progresso, eu dou aqui o seu desabafo na carta de 1 de Junho: «Se puderdes tirar um tudo nada de tempo para mim, rogo-vos que supliqueis ao Senhor que não me desampare nunca e me ajude a vencer os desânimos e as dúvidas que tantas vezes me assaltam e a proceder em tudo segundo a Sua Vontade».

Agora é a vez de pôr a 37.ª pedra de mil na Casa de Minha Mãe. A argamassa é esta carta cheia de ternura, desta vez (como

muitas!) dirigida ao Júlio.

Apesar de tanto ter gostado da vossa Festa no Coliseu, ainda não o tinha manifestado e agradecido a todos os Gaiatos que, com a sua alegria, nos alegraram naquela noite de reunião de família. Não há festa de que o Porto tanto goste e tanto precise. Este ano como sempre acontece, muitos e muitos ficaram de fora, sem bilhete. Estou em dizer que duas noites para o Porto, não seriam demais.

Os rapazes afirmaram o seu jeito e a peça era engraçada. Parabéns a todos, ao «matemático» e ao Américo.

Parabéns aos cantadores, aos bailarinos e aos pequeninos «batatas», aos músicos.

Ainda perguntei pelos seus meninos, mas disseram-me que não estavam. Em compensação, o Pai andou numa actuação constante. Parabéns, portanto, ao Júlio. E, até ao ano, se Deus quiser. O Porto não dispensa a Festa, embora o Senhor Padre Carlos e todos sofram um tanto com os trabalhos que ela lhes dá. São trabalhos que nós muito agradece-

10 meses, vão 1.000\$00 para a casa que, por decisão tomada no momento, se resolveu se chamasse «BERTA e JORGE».

E tantos, tantos, que semelhantemente têm aparecido e hão-de continuar a aparecer!

A Casa A Nossa Paz levou a 5.ª empreitada de 4 contos, «tendo nós, Pai, Mãe e Filha, entregue, portanto, até hoje, a quantia de 20.000\$00.

Se Deus nos der vida e saúde, prefaremos em Maio de 1963, com igual quantia, o total do seu custo, ou sejam 24 contos». Então, até ao ano, se Deus quiser.

Dos Açores esta carta:

Venho pagar mais uma prestação de 200\$00 como me propus para a construção de uma casinha para uma família pobre em nome dos meus quatro filhinhos para que N. Senhor se digne dar-lhes sempre um teto.

Sinto a minha mesquinhez: dar, pedindo em troca. Deus se compadeça de toda a nossa fraqueza.

Lemos sempre o Gaiato cheios de remorsos por vermos tanta miséria e darmos tão pouco. Deus nos ajude a sermos mais genero-



Delas airoas e donairosas — em S. Gonçalo (Funchal)

mos, mas... desejamos.

Esta procissão também se poderia chamar ala dos namorados. Quantos noivos nela preparam o laço que os há-de unir para sempre! Quantos casais nela reforçam o mesmo laço! Ele, o «Casal-Assinante n.º 28562, de Aveiro. Ele, o «Sempre feliz casal de Noivos», de Lisboa. Ele, a «Berta e Jorge» e esta carta:

Somos um casal separado pela força das circunstâncias: um, o marido, em Angola, como militar que é; a esposa no Porto, tratando dos fillos.

Resolvemos dar um pouco do supérfluo nosso para a vossa Obra.

Já falámos, na Igreja de Cristo Rei, com um sacerdote dos vossos acerca dos 12.000\$00 que pretendemos oferecer para a construção de mais uma casa do Património dos Pobres.

Já oferecemos a primeira prestação de 1.000\$00. Hoje e, se Deus nos ajudar, durante mais

mos e que tenhamos a dita de ver um dos nossos fillos seguindo-vos em tão árdua e maravilhosa vida — a de Sacerdote dada aos Pobres.

A Casa de N. Senhora do Rosário tem «a primeira prestação do ano: 300\$00». A de N. Senhora das Candeias, subiu 250\$.

Encontro, apareceu em Abril com 3.500\$ e em Maio com 2.500\$, mais esta carta:

Estando há cinco anos a juntar pedrinhas para um Rosário de 15 casas para o Património dos Pobres, tenho acompanhado com mais atenção os artigos de «AGORA».

Muito me alegrou a ajuda tão esperançosa da Salvê-Rainha e permita a Mãe de Misericórdia muitos outros se venham associar para mais rapidamente se dar execução ao primeiro Rosário.

Não será possível, sob o pseudónimo de «ROSÁRIOS», juntar mensalmente 22.500\$00 para todos os anos se erguer um Rosário de 15 casas?

Continuação da primeira página

meus irmãos do Calvário», 20\$. Portuense qualquer torna a voltar com pontualidade. Visitantes diversos trazem migalhas de vinte, cinquenta, cem e mais. Maria Elvira quer entregar-nos 500\$ e roupas novas e quentinhas. De Lisboa mais 500\$. Da Praça de Damão outro tanto. De Belém roupa para a nossa cêguinha. Da rua Júlio Dinis cem. Da av. de Roma igual soma. Do Porto 300\$. De Aveiro, 50\$. De Chaves o mesmo. E ainda o mesmo de Aguda, de Lisboa.

Na data do aniversário alguém vem com cem. Outros donativos de 50\$, de 215\$, de 200\$. Um colchão de borracha no Porto. Peccator vem com 60\$. Senhora do Carvalhido com 200\$. Amigo do Porto com outro tanto. Em sufrágio 50\$, 300\$. Emília de Lisboa, muito amiga, vem com mil, com 500\$, e promessa de não faltar.

Confiemos na Salvê-Rainha.

ENCONTRO

Quem lhe responde? Salvê-Rainha já começou a responder e aqui vai hoje com nova chegada de mil.

Da Rua Maria Andrade — Lisboa, 2 vezes «o vale habitual». «Zé Ninguém» a 11.ª de mil e o desabafo deste anseio:

Tenho lutado muito, especialmente este ano, pois queria enviar a décima segunda no dia em que faça as bodas de prata do meu casamento que será este ano, e como deve calcular para quem vive do trabalho, tenho-me sacrificado mas com muita satisfação.

Atenção, que é África quem passa: Angola—Porto Alexandre — Lar da Graça. Moçambique — Beira — Casa Graças a Deus. Outra vez Beira — Casa N. Senhora da Boa-Hora. E um pouco mais ao norte, Nampula, com 989\$50, «mais umas migalhinhas para a Casa Nampula» e este grande testemunho de simpatia e confiança: «O ano findo não vieram; vejamos se este ano vem alguém. A vossa vinda faz bem a todos, é uma oportunidade que dão a alguns de empregarem bem o supérfluo».

Não, este ano não irá ninguém. É só Angola, onde está o maior número dos nossos rapazes. Mas, o ano próximo esperamos que alguém vá.

Almada—Av. F. Ulrich com duas vezes duzentos.

Casa Carolina mais 500\$00. Casa Jesus, Maria, José fica em metade com a 1.ª prestação de 12 mil pesetas. Como vêm a Espanha também investe em Portugal. A Caridade é universal!

Um assinante de «O Gaiato» com a 28.ª e 29.ª prestação de 100.

E finalmente, Clarinda, com esta carta.

Pelo correio de ontem mandei um vale com 2.000\$00 pois, tendo lido no jornalzinho que o custo aproximado de uma casa era de 18.000\$00, e não 12.000\$00 como supunha, resolvi mandar a importância que falta em prestações mensais de 1.000\$00, se Deus me der vida e saúde.

À porta do Teatro Avenida, em Coimbra, 2.000\$ mais 150\$. Nas capas à porta do Teatro de Braga, 2. 246\$. E nas capas, quando da festa do Coliseu do Porto, 15.280\$.

No Montepio de Lisboa, 500\$ de amigo da Obra, outro tanto de Adelaide. 1.500\$ de um pecador, 200\$ de E. M., 500\$ de M. F., 50\$ de anónimo, e mil de amigo da Obra.

Fomos a Vila Real e colhemos na Sé 4.130\$. Pedimos também na Sé de Aveiro e trouxemos 7.800\$. E ainda na Igreja de Vera Cruz da mesma cidade e deram-nos 7. 200\$.

Caixa num Café de Paredes juntou 240\$. Amiga de Besteiros entregou-nos 250\$. Amigos de Gondomar 200\$. Senhoras do Porto com a mesma soma. De Aveiro a quarta parte.

À beira dos Clérigos fomos carregar móveis úteis e no mesmo recado deram-nos dez mil escudos. Vim contente porque naquele momento andava a braços com os salários dessa semana. Sim, estes também nos afligem; mas os doentes em abandono que temos conhecido, e a quem dissemos que esperem por vaga, ainda nos preocupam intensamente mais. Na próxima vez hei-de-te falar de muitos deles.

P.e Baptista

Aqui, Lisboa!

Continuação da primeira página

teriores estão já rebocadas. Por dentro falta tudo. Nem rebocadas as paredes e tetos, nem cimentados os pavimentos. Faltam azulejos e mosaicos para a cozinha e refeitório e sanitários e tacos para as camaratas. E tudo o mais que pertence a uma Casa deste género. Não vamos fazer coisa rica, mas temos a intenção de a deixar bem acabada e bem aproveitados os recursos naturais do terreno e da Casa, que pode servir para um bom retiro dos rapazes, fora da época do verão. Contamos poder ir pelas praias e daí trazer o que seja bastante para a arrancada deste ano. Na fotografia pode ver-se o estado em que as obras ficaram. Temos absoluta confiança em Deus de que hão-de aparecer amigos que ajudem a levá-las por diante. Não pretendemos deixar tudo acabado este ano. O recheio será uma nova fase, talvez para o ano seguinte.

Para o trabalho deste ano temos ainda duas grandes ajudas: a indispensável betoneira que nos ofereceu o Banco de Portugal e todas as janelas, feitas das portas envidraçadas de armários que o mesmo nos deu. O resto virá quando e como Deus quiser. Nada nos poderá faltar para que possamos dar aos nossos rapazes a acomodação necessária a uma inteira regeneração do corpo enfiado e doente pela fome e pela miséria em que viveram.

P. José Maria



FACETAS DE UMA VIDA

A carta do pequeno Américo, com que fechámos o derradeiro artigo, segue-se nesta colecção, carta do Pai ao Padre José, data de 5 de Maio de 1902.

Eu não a dou à estampa, somente porque o espaço é pouco e nela não há referência ao Américo. Porque é cheia de graça, de uma ironia muito fina, estilo mais de quem conversa do que escreve. Temos pois filiado o estilo literário de Pai Américo. Era costela de Pai Ramiro.

Poucos dias depois — 1 de Junho do mesmo ano — foi a Mãe quem se dirigiu ao Padre José: «De saúde bou passando grasas a Deos e todos os nossos.

(...) O Jaime escreveu dizendo que quer mandar algum dinheiro para a edocação dos rapazes com isto parece que não quer que o Américo ba para o Comercio pois é mesmo o que eu e tu dezejamos parese-me munto seguro tu escrever lhe e fallar lhe a tal respeito dezendo que ajudas e o rapas que deve ser bão estudante pesso-te que me des andamento a este em barrasso em que eu me bejo com este rapas elle tem munta bontade de ser padre bamos a ber se agora o podemos apanhar escreve ao Jaime e une te a elle dis lhe as calidades do rapas que os professores gostão munto delle a ber se a cruz bai ao Calvario em tão vivo mais 10 annos com este rapas a qui perdido munto me tem custado sendo elle como é fino a por me ter ser bom em fim convina com elle porque voltando para o Colejo é nessesario que entre no fim de Setembro por isso é nessesario não descordar é todo o tempo persizo».

Não é a primeira vez que se regista nesta coluna que o desejo de ser padre vem desde menino. Mas tem muito interesse este documento materno a confirmar o que a tradição revelara — e ainda mais: que os irmãos mais velhos se empenhavam, pelo menos, em facilitar ao Américo alguma cultura: «Com isto parece que (o Jaime) não quer que o Américo vá para o Comercio, pois é mesmo o que eu e tu dezejamos». E é curioso, igualmente, como a Mãe — muito mais primitiva em instrução do que o Pai, como os leitores certamente reparam das cartas transcritas de um e de outro — é curioso como a Mãe acreditou naquela «muita vontade de ser padre» e se deu à empresa discreta de demover o Pai, com a cumplicidade dos filhos mais velhos, já com posição na vida; e de não deixar perder o Américo: «vamos a ver se agora o podemos apanhar».

Com efeito, o Pai não comungava naquela «muita vontade». «Estou pasmado da teimosia do Pae em não querer que o Américo se eduque convenientemente» — diz o irmão Jaime ao Padre José, em carta remetida do Chinde, 20 de Junho de 1902, — que, apesar das considerações de espaço acima gemidas, não resistimos a transcrever mesmo para além do que diz respeito ao Américo: «(...) O que me leva ao interior de África não é a ganância:

é a curiosidade. Tudo o que aqui se vê é novo e interessante. A África tem os seus segredos que eu gostava de saber. Tem regiões maravilhosas. (...) Não creias que seja o dinheiro que me faz gostar do interior, mas sim o entusiasmo pelas cousas da Natureza.

Não sou aventureiro e tenho ainda em muita consideração o



Eis o Américo — menino e moço.

que o Tio Padre me disse na eira de S. Vicente.

É extraordinário! Ainda não procurei ser rico. Tenho passado o meu tempo, a illustrar-me, porque vim para África sabendo ler, escrever, e habilitado a não passar de negociante de tasca.

Aprendi inglez e escripturação commercial. Hoje já sou guarda-livros da Companhia da Zambézia e os meus serviços são apreciados e bem remunerados. Esta vida não é de lucros tão emmediatos, mas é mais racional.

É por causa de isto que eu quero o Américo com um curso no estrangeiro. Quando sahisse para a prática já não lhe custava tanto subir. Eu tive que estudar na África, e se não perdi o tempo, pelo menos podia tel-o aproveitado».



Auto- Construção

Há muitas coisas na vida em que muita gente não repara e que, no entanto, dão bem na vista. Pode acontecer que os operários duma fábrica de sabonetes em casa nem sequer usem sabão. Pode acontecer, e terá acontecido, que o padeiro que trabalhou a noite inteira, vá para casa e, ao almoço, não veja pão na mesa. Também alguns trabalhadores, — pedreiros, carpinteiros, serradores, trolhas — terão passado anos e anos da sua existência a construir moradias, gastando a sua vida, quem sabe se arruinando até a sua saúde, construindo a casa deste comerciante, daquele brasileiro, daquela lisboeta, a residência parquial daquela freguesia, o bairro residencial daquela cidade e vivam com a mulher e os filhos num lugar que não pode chamar-se uma casa. Quem sabe se, uma vez ou outra, o operário construiu um palácio enorme para os ratos e ele mesmo continuou a viver na barracota. Pão a apodrecer e padei-

A última crónica foi antes da Páscoa, saindo só a lume em princípios de Maio. Eis, porque, ainda agora, acusamos as amendoas e o pão de ló, dos nossos bons amigos de sempre. Daqueles que, de longe não nos esquecem e, destes ao pé, que todos os anos na festa do Senhor, nos visitam de mãos cheias.

182\$90 «entregues por um consumidor na secção de electricidade dos Serviços Municipalizados de Coimbra». 40\$ de Braga. De Soure, os habituais 20\$ silenciosos! De M. F. 50\$. De alguém 70\$. Da Delegação do Porto da FNAT, recebemos 100\$ provenientes da venda de peixe pescado na prova do Campeonato de Pesca Desportiva de Mar. E cá está o Snr. Manuel da R. da Corticeira, presente por dois meses.

Os 20\$ mensais da R. da Madalena. 40\$ de Barcelos. De Ilhavo 50\$. Um assinante de Rio Tinto com 100\$. Rocas do Vouga com 20\$. Igual quantia da Vila da Feira, através da Ideal Rádio. O Porto com 100\$. Aumento de ordenado de uma senhora, 310\$. E mais 55\$80 do Porto e «Não é elevada a quantia, mas, para mim é bastante significativa, pois representa o meu primeiro salário recebido e que sempre desejei destinar a este fim». Bom princípio de vida, amigo, e que o Senhor o ajude.

«De alguém que muito vos deve», 200\$ para as amendoas e 300\$ para os nossos Pobres. É do Porto, este Alguém, e Deus conhe-

ros com fome! Coisas infalíveis nesta vida? Seja como fôr, Auto-Construção não nasceu para atirar pedras a alguém, mas sim para pôr umas pedras sobre as outras e levantar casas. Não atiramos pedras, porque pretendemos gastar o tempo a erguer construções. Agradamos sobremaneira o lado positivo da vida. Não queremos consumir-nos a culpar indivíduos ou a sociedade. Que o Senhor nos defenda de tal. Há tantos, tantos a culparem-se mutuamente! Para quê? Para as coisas ficarem pior. Tenhamos na semana uma hora para deitar abaixo e todo o resto do tempo para construir. É preciso que os padeiros comam pão. Tem de ser. Os nossos trabalhadores e não só os de construção civil evidentemente, têm de viver numa casa decente. Vamos mais longe e façamos deles construtores e proprietários das suas próprias casas. Para tanto precisamos de educar e de organizar. Sem educação, nada. Sem organização,

ce-o. Depositado no Banco Espírito Santo 700\$, donativos recebidos no «O Comércio do Porto». Pessoal da Mobil com 47\$50. Mais votos de Páscoa feliz com 20\$, 100\$, 50\$, 100\$, 50\$, 50\$, 60\$, mais 50\$, e este cartão: «Páscoa de 1962 — vinte, mais vinte, mais vinte, quem pudera chegar a todos aqueles que precisam...»

Faço parágrafo para vos dizer, leitores queridos, que está a chegar mais uma remessa de papel pró «Famosos» e, por cada vez, os cabelos do Snr. Pe. Carlos põem-se em pé, ao assinar um cheque de trinta e cinco deles! É pesado o fardo, mas tem de ser... Ou haverá por aí, quem queira deitar a mão, de quando em vez?

598\$ de «Os 20 Estrelas de S. Lázaro». Mortágua com 50\$. Duma mãe de Tomar, 20\$. Da venda de emblemas na Queima das Fitas, 102\$50. Anoto agora a presença dos amigos de ontem, de hoje e creio de amanhã. Veru aí a Avó de Moscavide com 20\$ por duas vezes, e o amor que nos dedica. António, por Abril e Maio, 100\$ para a «viúva da Nota da Quinzena» e 100\$ «para ajudar uma mãe a alimentar seu filho», de cada mês. E 50\$ mais 50\$, daquele cartãozinho, que me enche, ao lê-lo: «Por Alma d'Aquela que eu tanto amei, para a Obra que Ela tanto amava». E «De uma amargurada pelo dia 22» 50\$ + 50. Que persistência bendita, a destes amigos!

Um saco de arroz, duma firma exportadora de vinhos verdes, do Porto. Também este cereal, no leva uns «quilos» no fim do mês. De Matosinhos, MCP com um pacote de roupas, no Espelho da Moda. E o mais que entregam nessa casa amiga. Peúgas, gravatas e laços, duma firma de Lisboa. Mais roupas de Lourenço Marques, com o rótulo: «podem usar sem receio».

De promessas cumpridas e graças obtidas, 100\$ do Porto, 20\$ de Coimbra, 350\$ de Campanhã. De uma viúva 50\$. De «uma velhinha agradecida», 20\$. Vila do Conde com 50\$. Queluz idem. Braga com 100\$. De novo o Porto com 50\$, mais 20\$. A sempre nobre invicta e leal Cidade do Porto, é das terras que mais nos visitam!

De um par de noivos, a entrega de 1.000\$. Do assinante 21216, 270\$. Mais 70\$ e 20\$ e 200\$ de anónimos. 50\$ mais 50\$, entregues por dois componentes do grupo excursionista «O Reinadio de Ovar». 20\$ de Avintes. De Co-

a mesma coisa. Com educação e com organização, ao mesmo tempo, conseguir-se-ão coisas novas. Temos muitíssimos rapazes que serão capazes de abraçar, com um entusiasmo imenso, o ideal da Auto-Construção.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira)

Padre Fonseca

ruche 100\$. Lisboa aparece com 500\$. Das professoras e alunas do Externato Silva Teixeira, em visita à nossa aldeia, 200\$. E Newark com 10 dollares.

30\$00, correspondentes a meio dia de trabalho, dum admirador da Casa do Gaiato. De Loriga 200\$, sendo 100\$ «de uma migalha que nos saiu há tempos no Totobola». E da Capital 1. 200\$00. Idem com 250\$. Da nossa assinante 30665 a quantia de 200\$, «produto de pequenas multas que instituí no escritório onde trabalho e que a brincar conseguimos juntar essa soma». De qualquer maneira e honestamente, serve para que os simpatizantes da nossa Obra enviem seus donativos. Eles de multas, de juros, de cigarros a menos, etc. etc.. Tudo isso e a certeza de que a vossa Caridade, será avaliada, um dia, pelo Mestre.

Mais gente conhecida: «O pessoal da tecelagem da Fábrica do Jacinto envia o donativo de 750\$ para a Obra de Pai Américo, para assim festejarmos a ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pedimos uma oração pelas melhoras de um patrão doente e por todo o pessoal».

De Nampula, 50\$. Da Beira, um cheque de 800\$, e a amizade de um punhado de bons amigos, que por lá temos. Mais Luanda, com o depósito mensal, e 100\$ da renda de casa do Barredo.

E o fecho desta, é todo divino, no amor puro das crianças da Escola de Toulões (B. B.), com esta carta datada de 13 de Abril. Leiam-na, por favor, e meditemos todos na grande força que advém da Caridade.

Ei-la:

«Lemos no penúltimo número do vosso jornal uns casos no Calvário que nos fizeram pena. Tivemos tanta pena das famílias pobres sem terem agasalho que resolvemos enviar esta manta para que V. Rev.^a a entregar por nós, a um dos Pobres que mais precisarem».

Desculpe V. Rev.^a o facto de a manta ir mal feita. É que fomos nós, as alunas da escola de Toulões, que a fizemos. Como ainda somos pequenas (as mais velhas têm 12 anos, e há-as que trabalharam na manta apenas com 6) não fomos capazes de fazer melhor, embora o desejássemos. Mas mesmo assim, julgamos que Nosso Senhor gosta, na mesma, da nossa manta.

Gostaríamos de mandar muito mais agora na altura da Páscoa, mas também somos todas pobres...

Pedimos desculpa de ser tão pouco».

Assina uma das alunas, em nome de todas, desde a 1.^a à 4.^a classe.

Manuel Pinto



BELEM

Muitas pessoas de Viseu ou de perto têm mandado perguntar o que nos faz mais jeito: se dinheiro, se géneros alimentícios ou roupas.

Claro que o dinheiro vem sempre a propósito, não só em vista da campanha em que andamos empenhadas, mas ainda porque com ele se compra tudo o de que se necessita.

As pessoas de longe, se não mandam as suas esmolas em dinheiro, quase sempre enviam tecidos ou peças de roupa, por ser mais fácil a embalagem. Assim, tem sido cada vez mais reduzida a despesa feita em vestir e calçar as belenitas. Graças a Deus!

Se Viseu com seus arredores, mais aquelas muitas terras cujos habitantes estão em permanente contacto com a cidade se interessassem a valer pela alimentação das belenitas, muito mais dinheiro poderíamos economizar para a aquisição da Casa Nova. Com efeito, é na alimentação que se faz a maior despesa. Em géneros alimentícios tudo nos faz sempre muito jeito pois, como todos já sabem, não temos palmo de terra onde cultivemos sequer uma alfaca. Cereais, legumes, hortaliças, batatas, massas, frutas e pão, carne e peixe, tudo se gasta e se compra nesta Casa.

Se as donas de casa, os armazénistas e retalhistas de mercearia, mais os agricultores de ao pé da porta dessem, de quando em vez, uma vitória aos armazéns, dispensas e celeiros e também às hortas e pomares, com a lembrança em Belém, que proveito não nos poderia vir daí... Segundo o Evangelho, as sobras não nos pertencem. E, se a nossa generosidade chegar para nos desprendermos mesmo do que nos faz falta, aquele que é o Senhor de todas as coisas tê-lo-á bem presente no dia do nosso julgamento: «Tive fome e destes-me de comer...»

«Tive sede e destes-me de beber...»

No que se gasta muito pouco é em farmácia, graças a Deus! Em geral, só vermícidas, anti-sépticos, desinfetantes e alguns tónicos. Presentemente a nossa Farmácia está esgotada e estamos a precisar um pouco de tudo isso. Esperamos que alguns médicos e laboratórios leiam as entrelinhas...

Como prova do que acima fica dito, aqui apresento as contas de 1961.

Renda da Casa, água e luz — 7.471\$20. Correio e telefone — 1.221\$40. Em drogaria, utensílios vários e suas reparações — 1.862\$50. Em roupas e calçado — 2.510\$40. Na farmácia — 320\$00. A lavagem da roupa importou em 1.200\$00. As despesas escolares ficaram em 1.500\$00. O total destas parcelas é de 16.085\$50 e não chega a atingir a soma gasta só na alimentação, que subiu a 20.110\$50.

Temos, pois, que a despesa total de 1961 foi de 36.196\$00.



Como são 20 as belenitas, os senhores façam o favor de confirmar as contas e vejam que cada uma importou por dia em 5\$20. Só neste sistema de vida caseira, sem funcionalismos nem complicações, é possível uma média tão pequena.

Como receita, tivemos o restituinte do ano anterior, as esmolas do Povo e 6 contos do Governo Civil de Viseu.

O ano de 1961 caracterizou-se pelo regresso àquela simplicidade de vida em família que levámos nos princípios, visto que ficámos novamente sós em casa. À excepção da lavagem da roupa e de mais alguns trabalhos que requeriam braços mais fortes, todos os trabalhos domésticos, desde a cozinha à limpeza da casa e preparação das roupas, foram feitos por mãe e filhas. Não apesar de neste ano ainda todas frequentarem a escola. Este o motivo por

que o total da despesa foi inferior ao de 1960.

Deus tem-nos socorrido na medida das nossas necessidades. Louvores lhe sejam dados!

Eu bem sei que o ritmo da chegada das esmolas abrandou por ter sido este o ano em que me não eschevi no Jornal. Mas escrevi menos porque outras actividades mais urgentes requeriam a minha mente e os meus braços. De modo que, enquanto alguns dos nossos leitores nos iam esquecendo ou nos supunham a esmorecer, em Belém travava-se a dura batalha do terceiro ano de vida da Obra. E porque ela foi ganha é que a despesa decresceu. Em consequência, no fim e ao cabo, tudo bateu certo.

Louvores ao Pai do Céu!

Inês—Belém—Viseu

Voltaram as férias forçadas em Ordins

As férias voltaram a bater-nos à porta e as tecedeiras já sentiram os seus efeitos: descanso forçado e... bolsa vazia. Atrás disto vem o querer e não ter.

Compreenderá esta situação quem souber que as nossas tecedeiras são: ou viúvas, sós e sem ânimo; ou casadas, mas a quem o marido não pode ajudar porque doente; ou casadas, mas de quem o marido se esqueceu por causa da distância para onde emigrou; ou solteiras que têm de ser o socorro do pai ou da mãe entretida, que têm de ser o braço do lar.

Eis como se compõe este grupo que quase nenhum dos nossos Amigos conhece e no entanto tanto tem ajudado.

Se é difícil erguer uma obra, também é difícil mantê-la e continuá-la. Por isso o descanso será a «traça» nos Chales de Ordins. E os efeitos serão do teor deste que vou contar.

Uma das nossas tecedeiras, com três filhos, todos ainda na escola, está a braços com um problema que muito a preocupa e a faz sofrer.

Seu marido, há anos, abalou para o Brasil e... «longe da vista, longe do coração». Mas ela lutou, trabalhou e conseguiu comprar uma casita onde abrigar-se. Porém, parte do dinheiro fôra emprestado e ia amortizando a dívida como podia.

Ainda deve trezentos escudos e o credor força-a a dar-lhe o dinheiro que ela não tem...

Se ao menos houvesse chales para fazer... mas há já quase dois meses que é um por acaso.

Quem não vive o problema dos Pobres há-de pensar que a dívida

é pequena e que é um problema muito fácil de resolver. Mas, para quem não colhe o suficiente para o dia a dia, é um caso sem solução. Os Pobres precisam de pensar muito para que o pouco que ganham chegue para o muito que é preciso.

Quem quer tornar mais leve a cruz desta tecedeira, libertando-a da carga que tanto lhe pesa? Dêem-nos trabalho que é meio caminho andado.

x x x

Conforme nos pediram, enviámos para Lisboa um chale dos médios, três mantas de trapos e duas camisolas.

Enviámos mais um chale dos grandes para Tondela-Valverde, outro para Bragança e ainda mais dois para o Souto da Carpalhosa.

Para Niza foram um chale dos médios e duas pegas, e um outro chale do mesmo tamanho para Ilhavo.

Pediram-nos também de Espinho e de Setúbal um chale dos pequenos.

As visitas levaram consigo uma manta de trapos para Paço de Sousa e duas pegas para o Porto.

Obrigado, Maria da Glória do Porto, que o Senhor escute a nossa oração.

P. Pires

Visado pela
Comissão de Censura

TOTOBOLA

NÃO que este ponto não tenha sido bastante frisado. Mas, porque convém eliminar de vez todo o perigo de equívoco — e na verdade, pelas cartas que aí chegam nota-se a existência de alguma confusão — eu aproveito estouta carta, vinda de Lisboa, que põe muitíssimo bem o problema e lhe responde como deve ser. Ora escutem, por favor:

«Sou uma estudante universitária, e leio quase sempre o Gaiato, embora não assinie.

Por isso, não podia ter deixado de reparar na campanha do Totobola, e sei pelo último jornal que o vosso pedido ainda não foi deferido na Misericórdia.

Desde o princípio que a ideia me pareceu excelente, mas boa demais para se tornar realidade. Deus queira que eu esteja enganada, e que consigam levá-la a bom termo, que bem precisa é.

A propósito, houve uma pessoa que me levantou a seguinte objecção: na Misericórdia não poderão atender a campanha, porque depois as outras instituições de caridade seriam capazes de fazer pedidos idênticos, e daí uma série de complicações, uma vez que seria impossível atender mais, pois não sabiam onde iriam parar.

Por isso, seria conveniente que se insistisse neste ponto: a campanha não beneficia a Casa do Gaiato, mas sim o Património dos Pobres, que, embora ligado com ela, depende também das freguesias em que se constroem as casas. Portanto, ultrapassa de certo modo o âmbito da Obra; além disso, é (pelo menos assim o suponho) uma das iniciativas que deviam ser tomadas com mais urgência, porque vem ao encontro de uma questão de alcance nacional, e que preocupa — embora muitas vezes não se saiba até onde irão essas preocupações — as Câmaras e outras entidades oficiais.

Assim já não haverá talvez perigo de que outras obras, para fins mais limitados, reclamem também o seu tostão...

E é tudo. Peço desculpa a Vossa Reverência de não mandar nada para ajuda, mas por agora não tenho possibilidades de o fazer.

F.

P. S. — Em qualquer caso, peço o favor de ser omitido o meu nome. Assinei apenas porque me desagradaria escrever uma carta anónima. Por isso, mando também a minha morada.

Aqui a têm, todinha! Só omiti o nome e a morada por fidelidade ao desejo da nossa correspondente e com muita admiração pela sua atitude cheia de carácter: «Assinei apenas porque me desagradaria escrever uma carta anónima».

O próprio sublinhado é da autora. Ela diz em pouquinho tudo o que é fundamental dizer-se.

«Obra do Pai Américo» — é um nome juridicamente aprovado, distinto das Obras do Pai Américo. Naquele, se filiam as Casas do Gaiato, Lares e o Calvário dos doentes incuráveis. O Património dos Pobres, em razão da sua natureza (que o dispersa já por quatro centenas de freguesias, com feliz tendência para alastrar), nasceu no coração sacerdotal de Pai Américo, germinou, a bem dizer, no seio da sua «Obra», mas, mais do que uma Obra é um movimento, difusivo como o Bem, que enraiza juridicamente nas Paróquias onde se erguem casas e vai continuando a sua conquista em direcção a outras onde se lhe abrem almas confiantes em Deus e cónscias do seu dever de amar o Próximo.

O tostão do Totobola não é, pois, para a «Obra da Rua». Nem para ela nós o aceitaríamos. A «Obra da Rua», neste caso, funcionaria como desde há dez anos sempre funcionou em relação ao Património dos Pobres: Mealheiro nacional de um movimento nacional, onde o Povo português e mais quem nele quer entrar, deposita as suas esmolas — que nunca chegam a «aquecer o lugar», pois logo andam para as Paróquias onde se trabalha. Portanto, esta campanha não legitima reivindicações de outras «Obras», a menos que se ponha em discussão a urgência primária de dar remédio conveniente à ferida, tão funda e tão extensa, que é a ausência ou a péssima qualidade da habitação do Pobre.

Chegando esta campanha a bom termo, a Casa do Gaiato, pelo contrário, sofrerá perda da nossa atenção, mais ocupada no cuidado de distribuir criteriosamente a corrente engrossada pela afluência do Totobola. Esta marca de contradição é mesmo um dos estaios mais fortes da minha esperança no êxito desta campanha.

E, já agora, sempre confesso que o único ponto de discordância com a nossa universitária é o seu nadito de pessimismo: «Desde o princípio que a ideia me parece excelente, mas boa demais para se tornar realidade». Pois eu ainda não desanimei da realização do seu voto: «Deus queira (...) que consigam levá-la a bom termo, que bem precisa é».